

**SOBRE A TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS DE DOIS TERMOS (*FORMICA-LEO*,
VAISSELLE PLATE) E UMA EXPRESSÃO IDIOMÁTICA (*COUPER L'HERBE SOUS
LE PIED*) EM *MELMOTH RÉCONCILIÉ*, DE BALZAC**

ON THE TRANSLATION INTO PORTUGUESE OF TWO TERMS (*FORMICA-LEO*,
VAISSELLE PLATE) AND ONE IDIOMATIC PHRASE (*COUPER L'HERBE SOUS LE
PIED*) IN *MELMOTH RECONCILIÉ* BY BALZAC

Gabriela Jardim da Silva¹, Robert Ponge²

RESUMO: *Produzido no âmbito de um projeto de pesquisa cujo enfoque é o estudo sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês para o português do Brasil, este trabalho propõe-se a examinar o processo de compreensão e tradução de três elementos encontrados em Melmoth réconcilié, romance de Honoré de Balzac (1835). Trata-se da palavra-composta formica-leo, do sintagma vaisselle plate e da expressão idiomática couper l'herbe sous le pied à quelqu'un. Através desses exemplos, pode-se corroborar a importância de realizar acuradas pesquisas léxico-semânticas no intuito de: a) circunscrever o sentido de emprego do elemento linguístico da língua-fonte; b) encontrar na língua-alvo o melhor equivalente possível em relação à língua de partida. Também, os exemplos chamam atenção para o fato de que, em tradução, respostas que parecem evidentes podem suscitar erros.*

PALAVRAS-CHAVE: dificuldades de compreensão; dificuldades de tradução; Balzac (Honoré de); *Melmoth réconcilié*.

ABSTRACT: Produced in a research project which focuses on the study of the difficulties of comprehension and/or translation from French into Brazilian Portuguese, this paper proposes to examine the processes of comprehension and translation of three linguistic found in *Melmoth réconcilié*, a novel by Honoré de Balzac (1835). These elements are the compound word *formica-leo*, the syntagma *vaisselle plate* and the idiomatic expression *couper l'herbe sous le pied à quelqu'un*. Through these examples, one can corroborate the importance of conducting accurate lexico-semantical searches in order to: a) circumscribe meaning in the use of the linguistic element from the source language; b) find, in the target language, the best possible equivalent in relation to the source language. Also, the examples draw attention to the fact that, in translation, seemingly obvious answers can lead to translation errors.

KEYWORDS: comprehension difficulties; translation difficulties; Balzac (Honoré de); *Melmoth réconcilié*.

Introdução

¹ Doutora em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS. Professora da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), em Rio Grande, RS.

² Doutor em Literatura Francesa pela USP. Professor titular aposentado da UFRGS, docente convidado e orientador do PPG em Letras da UFRGS, em Porto Alegre, RS.

Resultado de pesquisas realizadas no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em um projeto sobre as dificuldades de compreensão do *français como língua estrangeira* (FLE) e/ou de sua tradução em português do Brasil, o presente artigo apresenta reflexões sobre a tradução de dois termos técnicos e de uma expressão idiomática encontrados em *Melmoth réconcilié*, romance de Honoré de Balzac, publicado em 1835, que estamos traduzindo.

Nossos fundamentos teóricos são os estudos sobre os tipos de dificuldades de compreensão e/ou tradução do *français como língua estrangeira* (FLE). Enxergamos a tarefa da tradução como a de “*énoncer dans une autre langue (ou langue cible) ce qui a été énoncé dans une langue source, en conservant*”, ou melhor, *esforçando-se* em conservar “*les équivalences sémantiques et stylistiques*” (DUBOIS, p. 486). Neste trabalho, fica entendido que o vocábulo “termo” é usado como abreviação de “termo técnico” e sinônimo de “unidade terminológica” (*unité signifiante constituée d’un mot [...] ou de plusieurs mots [...], qui désigne une notion de façon univoque à l’intérieur d’un domaine*”, DUBOIS, p. 480). As demais bases teóricas são, quando necessário, explicitadas no decorrer deste artigo.

Antes de entrarmos na discussão concernindo às dificuldades de compreensão e/ou tradução propriamente ditas e com o intuito de explicitar o contexto no qual se insere este trabalho, iniciamos expondo sucintamente o nosso projeto de pesquisa e apresentando um breve resumo de *Melmoth réconcilié*, situando especialmente o excerto no qual se encontram as dificuldades sobre as quais nos debruçamos neste estudo. Cabe-nos, além disso, precisar como atuamos para compreender e traduzir uma palavra ou conjunto de palavras. A partir desta elucidação, consagramo-nos a três dificuldades concretas no âmbito da compreensão e tradução do francês para o português do Brasil: a palavra-composta *formica-leo*, o sintagma *vaisselle plate*, ambos tecnoletos, e a expressão idiomática *couper l’herbe sous le pied à quelqu’un*.³ Através da análise destes elementos, bem como da compreensão e tradução de cada um dos três, podemos determinar em que medida eles representam entraves no processo tradutório e, igualmente, asseverar a necessidade e importância de atentas pesquisas léxico-semânticas para delimitar a acepção de cada um e na busca de equivalentes.

³ As análises relativas à locução idiomática *couper l’herbe sous le pied* foram anteriormente publicadas em língua francesa, na Argentina (SILVA & PONGE); estavam até agora inéditas em português. O restante do artigo é totalmente inédito, tanto em francês como em português.

O projeto sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE

Nosso projeto de pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do *français como língua estrangeira* (FLE) possui dois objetivos.

O objetivo teórico-descritivo visa organizar um repertório que classifique os principais *tipos de dificuldades* de compreensão e/ou tradução, bem como descrever as especificidades de cada um deles. Com vistas à elaboração da tipologia, partimos da bibliografia existente sobre o assunto: tanto de estudos gerais (como MOUNIN, 1971; DURIEUX, 1999) como de trabalhos voltados para os estudiosos lusófonos e, particularmente, dedicados às dificuldades de compreensão e/ou tradução que a língua francesa apresenta aos brasileiros (RÓNAI 1976, 1987; PORTINHO, 1984; XATARA & OLIVEIRA, 2008, p. 14-22). Deste modo, foi organizado um primeiro levantamento dos diferentes gêneros de dificuldades (falsos amigos, homonímia, polissemia, paronímia, sinonímia, expressões idiomáticas, sentido figurado das palavras, abreviações, siglas, entre outros), lista que procuramos enriquecer e precisar com o desenvolvimento de nossas pesquisas. Para analisar e descrever de forma crítica cada tipo de dificuldade, examinamos a bibliografia que é própria a cada um.

Por sua vez, o segundo objetivo do projeto – o objetivo prático-didático – propõe-se a produzir um glossário cujos verbetes referem-se às numerosas *dificuldades concretas* de compreensão e/ou tradução que, no Brasil, costumam surgir no ensino, aprendizagem e uso do FLE bem como na tradução desta língua para o português. O recenseamento desses problemas, armadilhas, obstáculos concretos começou pelo cotejamento crítico de três pequenos dicionários bilíngues, publicados no Brasil, que repertoriavam certo número de dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE (RÓNAI, 1975; BATH & BIATO, 1998; XATARA & OLIVEIRA, 2008) – cotejamento a partir do qual novos verbetes são elaborados. Analisamos, também e cada vez mais, dificuldades concretas encontradas na prática do FLE (ensino, tradução ou outra) por membros de nossa equipe, colegas ou alunos. É o caso dos dois termos e da expressão analisados neste artigo.

Balzac, Melmoth e o trecho a traduzir

Em *Melmoth réconcilié* (Melmoth reconciliado), publicado em 1835, Honoré de Balzac deu uma continuação e um desenlace à vida errante de John Melmoth, personagem de

Melmoth the Wanderer (1820, Melmoth, o errante), narrativa do romancista irlandês Charles Maturin (1782-1824). Em Balzac, Melmoth consegue livrar-se do pacto que selou com o diabo, transferindo-o a Rodolphe Castanier, que assume o protagonismo do romance. Quando conhece Melmoth, Castanier tem cerca de quarenta anos de idade e trabalha como caixa em um banco. Porém, anos antes, em Nancy, cidade do interior da França, quando era capitão em um regimento de Dragões do imperador Napoleão I, aconteceu-lhe um infortúnio: teve a infelicidade de prestar a atenção em uma moça com quem dançara. Imediatamente, a mãe da jovem entrou em ação. Movida pela ideia fixa de casar sua filha única, ela se entregou a esse grande projeto, arquitetando

“une œuvre longtemps élaborée, pareille au cornet de sable au fond duquel se tient le formica-leo. Peut-être personne n’entrera-t-il jamais dans ce dédale si bien bâti, peut-être le formica-leo mourra-t-il de faim et de soif? Mais s’il y entre quelque bête étourdie, elle y restera.”
(BALZAC, p. 25)

A mãe da moça convidou o capitão Castanier a jantar na casa delas. A narrativa de Balzac evidencia, então, a quantidade de expedientes de que se valeu a mãe casamenteira. Trata-se do trecho em que se encontram as três dificuldades de compreensão e/ou tradução que pretendemos analisar neste artigo. Abaixo, reproduzimos a passagem:

Une fois amené au logis, le dragon y fut ébloui par la bonhomie d’une maison où la richesse semblait se cacher sous une avarice affectée. Il y devint l’objet d’adroites flatteries, et chacun lui vanta les différents trésors qui s’y trouvaient. Un dîner, à propos servi en vaisselle plate prêtée par un oncle, les attentions d’une fille unique, les cancons de la ville, un sous-lieutenant riche qui faisait mine de vouloir lui couper l’herbe sous le pied; enfin les mille pièges des formica-leo de province furent si bien tendus que Castanier disait, cinq ans après: “Je ne sais pas encore comment cela s’est fait!” (BALZAC, p. 25)

No trecho, sublinhamos dois termos e uma expressão que, no processo de compreensão e/ou tradução, constituíram-se em dificuldades ao suscitarem hesitação e/ou dúvida e/ou bloqueio e/ou erro e/ou processo intenso, complexo de pesquisas léxico-semânticas e de procura de equivalente(s), entre outros fenômenos que podem ser sintomas da existência de problemas, obstáculos, armadilhas, etc. Os dois termos são *vaisselle plate* e *formica-leo*; a expressão idiomática é *lui couper l’herbe sous le pied* (i.e., *couper l’herbe sous le pied à quelqu’un*).

Porém, antes de nos debruçarmos sobre eles, cabe esclarecer qual é o caminho que seguimos, habitualmente, para compreender e traduzir uma palavra ou um sintagma.

Como compreender e traduzir uma palavra ou um sintagma?

Por vezes, partimos de uma conjectura, surja ela maquinalmente, ou a partir da consulta a um dicionário bilíngue, ou em consequência da construção de uma hipótese. Mas, por prudência, suspendemos qualquer decisão e submetemos nossa conjectura a um processo de verificação.

Didaticamente, distinguimos duas etapas. Primeiramente, a de compreensão. Havendo ou não uma conjectura preliminar, começamos sempre por um processo de pesquisas léxico-semânticas visando delimitar a significação da palavra ou do sintagma da língua francesa. Para tal, consultamos vários dicionários gerais da língua francesa, geralmente cinco: *Dictionnaire de l'Académie française (DAF, edições 8 e 9)*, *Petit Larousse, Robert*, *Trésor de la langue française informatisé (TLFi)*. Reunimos suas definições, acompanhadas de exemplos. Como as redes de significações dos dicionários diferem frequentemente entre si, comparamos e confrontamos minuciosamente suas redes em um processo de cotejamento que, por fusões sucessivas organizadas em tabelas, busca uma síntese que fornece uma sistematização do semantismo da palavra ou sintagma estudado, cada sentido ou acepção sendo seguido de um ou mais exemplos. Localizamos, então, o sentido empregado no texto-fonte e, se necessário, tentamos precisar o semantismo desse emprego.

Chega a etapa da tradução, quando se trata de achar um equivalente, em português do Brasil, da palavra ou do sintagma francês. Consultamos nossa memória e de nossos colegas, bem como vários dicionários bilíngues francês-português, geralmente sete (BARBOSA; BURTIN-VINHOLES; CARVALHO; *Garnier*; RÓNAI, 2004; *Semibilíngue*; VALDEZ). A colheita costuma fornecer diversas definições e possibilidades de tradução, resultado que pode ser bem heteróclito. Inserimos os resultados em tabelas e, em seguida, empenhamo-nos para, através de cotejamento em tabelas sucessivas, construir uma síntese dos resultados. Durante todo o processo e para a síntese obtida, verificamos o semantismo das definições e das possibilidades de tradução nos quatro dicionários brasileiros de língua portuguesa de que dispomos (*Aurélio, Aulete, BORBA, HOUAISS*).

Entre as diversas possibilidades de solução surgidas durante este processo (que podem infirmar ou confirmar nossa conjectura preliminar, quando houver uma), eliminamos as que julgamos impróprias. Caso restem várias, escolhemos a que nos parece mais adequada porque, na construção da tradução do trecho em questão, ela permite conservar da melhor

forma, mesmo que parcialmente, as equivalências semânticas, estilísticas e expressivas da palavra ou sintagma em seu contexto no texto-fonte.

Após termos indicado o esquema do percurso habitualmente seguido, passemos às três dificuldades escolhidas. Começamos com...

Formica-leo

A palavra *formica-leo* não consta em nenhum dos dicionários da língua francesa atual consultados. Como era na época de Balzac? O vocábulo era amplamente conhecido? Seria surpreendente, mas não sabemos. Entretanto, cabe reparar que, como se pode observar nos dois trechos reproduzidos acima na subparte sobre *Melmoth réconcilié*, Balzac tem, significativamente, o cuidado e a habilidade de fazer o narrador do romance repetir a palavra três vezes, introduzindo, nas duas primeiras ocorrências, informações a respeito do “*cornet de sable*” ou “*dédale*” no qual o animal habita, que funciona como “*un piège*”, e no fundo do qual “*le formica-leo*” fica esperando que adentre “*quelque bête étourdie*”: sua presa! Ignora-se de que classe de animal se trata, mas sabe-se o essencial: como funciona sua armadilha, e qual o papel simbólico de sua presença no texto da narrativa (simbolizar a construção, por uma mãe intenta em casar sua filha única, de um alçapão, um stratagema “[*très*] *bien bâti*” (BALZAC, p. 25) para capturar um bom partido, bem como sua imensa paciência e determinação na demorada elaboração e demorosa espera).

Sabe-se o suficiente para a leitura, mas não para a tradução. Como proceder para conhecer melhor o animal, obter suas características e aproximar-se de sua denominação em português? A este respeito, convém reconhecer que não é muito difícil, para um tradutor que costuma trabalhar com duas línguas neolatinas, intuir que *formica-leo* é uma palavra latina, composta de dois vocábulos referentes ao francês *fourmi* (português “formiga”) e *lion* (“leão”).

A palavra *fourmi-lion* efetivamente consta nos cinco dicionários de língua francesa consultados, e também, *fourmilion*, grafia moderna aconselhada. O *DAF8* e o *TLFi* assinalam que pode ser encontrada a forma *formica-leo*, de uso erudito ou técnico (latim dos zoologistas). As cinco fontes concordam em definir seu significado como de um inseto neuróptero, parecido com uma libélula, cuja larva “*creuse une cavité en forme d'entonnoir où tombent des fourmis et d'autres insectes, dont il se nourrit*” (*DAF9*); o *Robert* acrescenta que esse inseto “*broie [les fourmis] avec ses mandibules*”.

Como é denominado esse inseto em português do Brasil? Consultamos sete dicionários bilíngues francês-português. A entrada *fourmi-lion* e/ou *fourmilion* não consta nos dicionários de Rónai e de Valdez; consta nos cinco demais dicionários, que fornecem como equivalente(s): “formigão” (BURTIN-VINHOLES, p. 275; BARBOSA, p. 283; *Semibilíngue*, p. 402), “formiga-leão” (*Garnier*, p. 184) e tanto “formiga-leão” como “formigão” (CARVALHO, p. 344), ou seja, quatro ocorrências de “formigão”, apenas duas de “formiga-leão”. Se o critério decisório fosse o da quantidade de indicações, não haveria espaço para dúvida. Mas a frequência de ocorrências em dicionários bilíngues é apenas um dado, e não necessariamente decisivo. Impõe-se fazer uma verificação com processo de prova e contraprova nos dicionários de língua portuguesa.

“Formigão” não aparece como entrada no Borba; consta nos três outros dicionários consultados. Porém, no *Aurélio* e no *Aulete*, não aparece com o sentido de inseto neuróptero referido acima, mas, simplesmente, como “formiga grande”, ou seja, como a forma aumentativa de “formiga”. Por sua vez, o Houaiss, além de iniciar o verbete “Formigão” com o sentido aumentativo, oferece também dois sentidos pertencentes à entomologia (ou insetologia, parte da zoologia que estuda os insetos); por um lado, como sinônimo de “tocandira”, por outro, como sinônimo de “formiga-leão”. Segundo Houaiss, o termo “tocandira” designa várias espécies de formigas brasileiras. Ora, já vimos que o *fourmi-lion* não é uma formiga, mas um inseto parecido com uma libélula. Haveria, portanto, caso se optasse por “formigão”, risco de ambiguidade e confusão: o leitor ficaria sem saber a qual inseto a palavra remeteria – o que milita contra seu emprego. Outrossim, no Houaiss, o verbete “formigão”, quando trata do sentido que é sinônimo de “formiga-leão”, não oferece uma definição dessa acepção, optando por remeter ao próprio verbete “formiga-leão”, termo apontado como sendo a designação comum. O que já é outro importante indício decisório, embora não suficiente, sendo imprescindível uma investigação a respeito do que dizem os dicionários de língua portuguesa consultados sobre a “formiga-leão”.

A entrada “formiga-leão” não aparece no Borba; consta nos três outros dicionários consultados. A definição do *Aulete* (“designação das larvas dos mirmelionídeos do gênero *Myrmelion*”) é por demais econômica, pouco esclarecedora para os leigos em insetologia. Por sua vez, a definição do *Aurélio* é utilmente informadora:

“Larva do inseto neuróptero, mirmeleontídeo, que vive em pequenas escavações sob a forma de cone invertido, em cujo vértice se encontra a cabeça do inseto. Alimenta-se de outros insetos que resvalam até o

fundo do cone; os adultos parecem-se com as libélulas. (Pl.: *formigas-leões e formigas-leão.*)”

E, igualmente, a definição do dicionário Houaiss:

“Designação comum aos insetos neurópteros da família dos mirmeleontídeos, cujas larvas, providas de longas mandíbulas, se enterram no fundo de um funil cônico por elas construído na areia para capturar presas que aí caem.”

O verbete do Houaiss ainda fornece sete outras denominações do inseto: cinco são caracterizadas como regionalismos brasileiros ou de alguns estados do Brasil; “formigão” e “mirmeleão” não são tratados como regionalismos. “Formigão” já tendo sido descartado, poderia, então, “mirmeleão” concorrer com “formiga-leão”? Verificou-se que “mirmeleão” não consta no *Aurélio* nem em Borba, e que, segundo o verbete deste termo no *Aulete*, o inseto é “mais conhecido por formiga-leão”, termo este que Houaiss apresenta como sendo a “designação comum”. Resumindo: o conjunto das informações obtidas e sua análise contrastiva impuseram-nos a escolha de “formiga-leão” como equivalente de *formica-leo*.

Vaisselle plate

O contexto de ocorrência deste sintagma, no trecho em questão (“*un dîner servi en vaisselle plate*”), remete a uma refeição (*dîner*), o termo em questão fornecendo um detalhe, uma precisão a respeito do serviço desta (*servi en*). Qual a precisão?

A palavra *vaisselle* pertence ao vocabulário básico da língua francesa, referindo ao “*ensemble des récipients, plats, assiettes qui servent à manger, au service de la table*” (síntese de *Larousse*, p. 1024, e *Robert*). De uso corrente (sozinho e como componente da expressão *faire la vaisselle*, “lavar a louça”), o termo é necessariamente conhecido (ou deveria sê-lo) de quem se atreve a praticar a tradução. Mas o que pode ser a *vaisselle plate*?

O sentido estrito e primordial do adjetivo *plat* é: “*qui présente une surface plane (ou à peu près plane) et horizontale*”, por exemplo, “*un terrain plat*” ou “*les Anciens pensaient que la Terre était plate*” (síntese de *DAF9*; *Robert*; *TLFi*), cujo equivalente português é o quase sócia “plano” (a Terra era antigamente tida como plana). Por extensão e “*pour un objet creux*”, o adjetivo *plat* também significa “*qui présente une surface plane (ou à peu près plane) et horizontale et dont le fond est peu profond*” (*ibidem*). Neste sentido por extensão, no vocabulário comum do serviço de mesa, *assiette plate* se contrapõe à *assiette creuse*, da

mesma forma que, em português, “prato raso” se contrapõe a “prato fundo”. O paralelismo e relativa semelhança dessas duas duplas equivalentes, combinada com a presença de *plate* nos sintagmas *vaisselle plate* e *assiette plate*, pertencentes à mesmíssima classe de nomenclatura terminológica, pode levar o leitor ou tradutor a entender que se denomina de *vaisselle plate* o conjunto dos pratos e travessas rasos. Certo ou errado? Uma pesquisa semântica se impõe.

No século 19, encontram-se ocorrências de *vaisselle plate* em romances de Théophile Gautier, dos irmãos Goncourt, de Émile Zola (*TLFi*), além de Balzac, entre outros, podendo inferir-se disso que o termo era ainda de uso relativamente amplo. Hoje, seu emprego é muito mais reduzido. Mesmo assim, consta nos principais dicionários da língua francesa. Designava, inicialmente, a “*vaisselle d'or ou d'argent où il n'y a point de soudure*” (*DAF8*), ou seja, “*dont les pièces sont d'un seul morceau*” (*TLFi*), em oposição à *vaisselle montée* (“*qui est composée de plusieurs pièces, jointes ensemble avec de la soudure*”, *DAF8*). A partir do século 19, o termo passou, sobretudo, a designar a *vaisselle d'argent* (*DAF8; Robert; TLFi*), em oposição ao conjunto de recipientes e pratos de porcelana, faiança, barro, etc.

Sendo resolvido o problema da compreensão do francês, como encontrar um equivalente em português? Para *vaisselle*, a língua portuguesa dispõe de um termo bastante comum e difundido: “louça”, porém cuja designação serve tão somente para um conjunto de peças de porcelana, faiança ou material análogo. Consultamos o verbete *vaisselle* de nossos sete dicionários bilíngues francês-português. O *Semibilíngue* forneceu uma única resposta: “louça” (p. 980), que, como acabamos de ver, não serve para o sintagma a ser traduzido. A colheita obtida com as demais consultas deu resultados surpreendentemente positivos. O dicionário de Barbosa também se limitou a uma única resposta, porém diferente daquela do *Semibilíngue*: “baixela” (p. 636). Quatro dicionários deram duas respostas: “louça” e “baixela” (*BURTIN-VINHOLE*, p. 583; *CARVALHO*, p. 747; *Garnier*, p. 446; *RÓNAI*, 2004, p. 275). Sobretudo, Burtin-Vinholes forneceu um equivalente para a tradução de *vaisselle d'argent*: “baixela de prata” (p.583) e tanto Carvalho como Valdez listaram a locução *vaisselle plate*, oferecendo respectivamente “baixela de prata” (p. 747) e “baixela” (p. 376) como equivalentes.

Passou-se à etapa de verificação, consultando o vocábulo “baixela” nos quatro dicionários brasileiros da língua portuguesa com que costumamos trabalhar. Borba não especificou o material de que é feito a “baixela” (p. 180). Os três outros dicionários confirmaram que “baixela” refere ao conjunto dos utensílios para o serviço de mesa, feitos de

metal, seja metal nobre, seja qualquer outro metal (*Aurélio; Aulete; HOUAISS*); em dois deles, até consta o sintagma “baixela de prata” (*Aulete; HOUAISS*).

As averiguações feitas deixaram, portanto, claro que a presença do adjetivo *plat* em ambos “*assiette plate*” (“prato raso”) e “*vaisselle plate*” bem como os paralelismos e semelhanças decorrentes (frutos, por um lado, da polissemia de *plat* e, por outro, da correspondência literal entre “*assiette plate*” e “prato raso”) sugeriram pistas falsas, enganadoras. As pesquisas realizadas não deixaram dúvida que “*un dîner servi en vaisselle plate*” deveria ser traduzido por “um jantar servido em baixela de prata”.

Antes de passar a *couper l’herbe sous le pied à quelqu’un*, é preciso perguntar-se...

O que é uma expressão (ou locução) idiomática?

É uma “*suite de mots convenue, fixée*” (REY, p. VII), um sintagma cristalizado que funciona como um conjunto, uma unidade. Seu sentido “*n’est guère prévisible*” (ibidem), “*ne peut être déduit de sa structure en morphèmes*” (DUBOIS, p. 239).⁴

Como o sentido das locuções é global (não deduzível da soma do sentido das palavras que as compõem), elas são usualmente incompreensíveis para quem não tenha se deparado com elas antes, *a fortiori* em língua estrangeira, daí as dificuldades de compreensão.

Por isso, antes de chegar em *couper l’herbe sous le pied*, é também preciso esclarecer qual é o caminho que percorremos, habitualmente, para...

Compreender e traduzir uma expressão idiomática

Seguimos, essencialmente, o mesmo percurso delineado anteriormente para as demais palavras e sintagmas, com as seguintes precisões:

-aos cinco dicionários gerais da língua francesa citados, acrescentamos três dicionários de locuções francesas (CHOLLET & ROBERT; RAT; REY & CHANTREAU).

-além dos dicionários bilíngues citados, consultamos igualmente os dois dicionários francês-português de locuções dos quais dispomos (CAMPOS; XATARA).

Quanto às dificuldades de tradução, estas decorrem da necessidade de encontrar um enunciado, em língua-alvo, que conserve não somente as equivalências semânticas,

⁴ Sobre as expressões ou locuções idiomáticas, ver também a monografia de SILVA (2009) e a bibliografia à qual remete.

estilísticas, expressivas (registro, tom, qualidade) da língua-fonte, mas que, além disso, possua um caráter idiomático e que este repouse em uma imagem (uma figura, uma substituição analógica) que, de preferência, seja idêntica à da língua-fonte ou que possua com ela alguma relação (mesmo que parcial, limitada) de semelhança, de proximidade, de analogia.

Esta é a solução mais adequada. Porém, nem sempre pode ser alcançada, pois nem sempre existe um equivalente. Torna-se necessário, então, criar um (se for possível) ou contentar-se com um sinônimo ou com uma definição (paráfrase ou outra) com perda do caráter idiomático. Vejamos o caso concreto de...

Couper l'herbe sous le pied à quelqu'un

Qual é o contexto? A passagem mostra o arsenal de astúcias de uma mãe que deseja casar sua filha única com o protagonista, inclusive a presença de um alferes rico que estava com ares de querer *lui [au protagoniste] couper l'herbe sous le pied*. Como traduzir a expressão em português do Brasil?

Nosso primeiro impulso

Três locuções brasileiras vieram imediatamente à nossa mente: “passar a perna (em alguém)”, “dar uma rasteira (em alguém)” e “passar” ou “puxar (alguém) para trás”. Por que estas? Porque a forma (a imagem, a figura) de cada uma possui alguma semelhança, proximidade, relações de analogia com a expressão francesa, e porque, semanticamente, as três parecem equivalentes (ou relativamente equivalentes) a ela.

Entretanto, julgamos prudente deixar em suspenso nossa decisão e testar nossa hipótese através de um processo de averiguação, cujo primeiro passo foi de empenhar-se em...

Delimitar a significação da expressão francesa

Inicialmente, deve-se informar que, em nossa pesquisa, encontramos variantes desta expressão (*couper l'herbe, faucher l'herbe, sous le(s) pied(s), à/de quelqu'un*). Portanto, a locução não é absoluta e rigidamente cristalizada.

Consultamos oito dicionários monolíngues de francês: cinco dicionários gerais e três de expressões idiomáticas (que estão marcados com asterisco, abaixo). Em uma tabela,

reunimos as definições fornecidas para a referida expressão nos verbetes *couper* e/ou *faucher* e/ou *herbe* e/ou, mais raramente, *pied*:

	Verbete	definição
DAF, 8^a e 9^a edição	couper faucher pied	devancer quelqu'un et l'empêcher de réussir dans une entreprise, le supplanter dans une affaire
	herbe	contrecarrer quelqu'un, le devancer, le supplanter dans ses projets
Robert	couper	devancer quelqu'un
	faucher	supplanter quelqu'un
	herbe pied	frustrer quelqu'un d'un avantage en le devançant, en le supplantant
Larousse	herbe	supplanter quelqu'un en le devançant (p. 498)
TLFi	couper faucher herbe	empêcher quelqu'un de réussir dans une entreprise, le supplanter
Chollet&Robert*	couper	devancer quelqu'un, être plus rapide (p. 102)
Rat*	couper	supplanter quelqu'un (p. 131)
Rey & Chantreau*	herbe	frustrer quelqu'un d'un avantage escompté en le devançant ou en le supplantant (p. 494)

Afora algumas leves diferenças de formulação entre as definições, não se constatou nenhuma efetiva divergência entre as fontes, a definição da expressão francesa podendo ser sintetizada na seguinte formulação: *supplanter quelqu'un en le devançant* ou, abreviadamente, *supplanter quelqu'un* ou *devancer quelqu'un*. Passamos então à segunda etapa do processo de verificação.

Confrontar nossa primeira reação a esta última definição

Em quatro dicionários brasileiros da língua portuguesa, fizemos uma pesquisa léxico-semântica relativa às locuções brasileiras citadas anteriormente:

	locução brasileira	Definição
Aurélio	<i>passar a perna em</i>	agir deslealmente em prejuízo de; lograr
	<i>dar ou passar uma rasteira em</i>	levar vantagem sobre. Enganar, lograr
	<i>passar ou puxar para trás</i>	auferir qualquer vantagem que normalmente caberia a (outrem); preferir. Enganar, lograr, ludibriar
Aulete	<i>passar a perna em</i>	enganar, lograr
	<i>dar ou passar uma rasteira em</i>	enganar, ludibriar. Trair, prejudicar (alguém) de maneira astuciosa
	<i>passar ou puxar para trás</i>	enganar, trair, ludibriar. Ocupar lugar ou auferir direitos ou vantagens que deveriam ser de (alguém)
Borba	<i>passar a perna em</i>	enganar, tapear, ludibriar (p. 1165)
	<i>dar uma rasteira em</i>	tapear, lograr (p. 1325)
	<i>passar para trás</i>	preterir, enganar (p. 1165)
Houaiss	<i>passar a perna em</i>	trair a confiança de. dar um golpe em. enganar, ludibriar, lograr
	<i>dar ou passar uma rasteira em</i>	prejudicar ou derrotar por meios astuciosos ou velhacos
	<i>passar ou puxar para trás</i>	agir dissimuladamente; enganar, lograr

As três locuções pertencem à área semântica de “enganar, lograr, ludibriar, tapear”, do “ardil, burla, fraude, trapaça”, até da “deslealdade, traição”, traços semânticos ausentes da expressão francesa. Esta significa apenas *supplanter* e/ou *devancer*, como fica excelentemente exemplificado na frase seguinte: “*Nolwenn voulait être la première à me souhaiter mon anniversaire, mais Sophie lui a coupé l’herbe sous le pied, elle m’a appelé deux minutes avant elle*” (CHOLLET & ROBERT, p. 102). Logo, as três locuções brasileiras não servem, de forma alguma, para traduzir a expressão francesa. Foram descartadas.

Por que, então, pensamos automaticamente (ou quase) nelas? Por causa de sua proximidade de forma (de imagem, de figura) com a expressão francesa, semelhança enganadora que constitui o âmago dos falsos amigos⁵. Passemos, agora, à terceira etapa.

Procurar traduções da expressão francesa em dicionários bilíngues

Consultamos os verbetes *couper*, *faucher*, *herbe* e *pied* em nove dicionários bilíngues francês-português: sete dicionários gerais e dois de expressões idiomáticas. Nossa expressão idiomática não consta nos dicionários de Barbosa, Burtin-Vinholes e Valdez. As respostas dos seis outros dicionários constam na tabela abaixo (os dois dicionários de idiomatismos estão assinalados com asterisco):

Dicionário semibilíngue	puxar o tapete de alguém (p. 455)
Garnier	passar a perna em, suplantar (p. 208)
Carvalho	suplantar alguém
Rónai (2004)	passar a perna em (p. 123)
Campos*	passar à frente de alguém, deixar para trás, pôr no chinelo (p. 193)
Xatara e Oliveira*	dar uma rasteira, passar a perna, passar pra trás, puxar o tapete

Na tabela, constam “dar uma rasteira”, “passar a perna”, “passar pra trás” que foram anteriormente rejeitadas, por se tratarem de falsos amigos. “Puxar o tapete de alguém”, locução sinônima, é, igualmente, falso amigo. Isso mostra que mesmo lexicógrafos

⁵ O dicionário *Aurélio* caracteriza, corretamente, os falsos amigos como “palavras que, pertencentes a línguas diferentes, são semelhantes entre si na forma, mas não no significado”, fornecendo o seguinte exemplo: “O vocábulo português *esquisito*, [que significa] ‘estranho’, e o espanhol *exquisito*, [que significa] ‘primoroso’, são falsos amigos”.

experientes, como os autores de dicionários bilíngues, e até um tradutor, professor e dicionarista tarimbado como Paulo Rónai, podem cair na armadilha das semelhanças enganadoras.

Também descartamos “pôr (alguém) no chinelo”. Houaiss define esta locução como “suplantar, mostrar-se superior num confronto”, tendo, portanto, proximidade semântica com a expressão francesa, porém seu registro de língua é extremamente familiar, seu tom é de superioridade triunfante, dominadora e um tanto humilhadora.

Agora, vamos para a quarta etapa:

Eliminar boas sugestões propostas por colegas

Consultamos nossa memória, solicitamos o auxílio, no mesmo sentido, das e dos colegas do grupo de pesquisa. As sugestões resultantes foram criativas.

Muito a contragosto, tivemos que eliminar “roubar a noiva a alguém”, porque esta solução explicitaria (tradução que diz mais, aumentadora) o que o narrador se limita a sugerir.

E rejeitamos “roubar a cena”, locução metafórica do mundo do teatro que, pelo contrário diz bem menos (tradução elíptica, diminuidora) do que a expressão usada pelo narrador. Mas houve outras propostas.

Da hesitação à decisão e escolha

As locuções “saltar, pular, passar à frente de alguém” e “tomar a dianteira de alguém” nos chamaram a atenção: são comuns em português do Brasil, de mesmo registro e sentido (salvo a imagem) que a expressão francesa. Era preciso decidir: a última venceu!

Segue nossa tradução do trecho citado:

Um jantar oportunamente servido em <u>baixela de prata</u> emprestada por um tio, as atenções de uma filha única, as fofocas da cidade, um alferes rico que estava com ares de querer <u>lhe tomar a dianteira</u> ; enfim, as mil armadilhas das <u>formigas-leão</u> de província foram tão bem armadas que, cinco anos depois, Castanier ainda dizia: “Até hoje não sei como isso foi acontecer!”.

Conclusão

Neste trabalho sobre as dificuldades de compreensão e tradução do FLE no Brasil, iniciamos apresentando tanto nosso projeto de pesquisa como o romance de Balzac e

contextualizando neste o trecho a traduzir. Logo após, expusemos o caminho habitualmente por nós percorrido para compreender e, em seguida, traduzir uma palavra ou um sintagma do FLE em português do Brasil (conjetura-s; pesquisas léxico-semânticas em dicionários monolíngues franceses, depois brasileiros; procura em dicionários bilíngues francês-português, além de buscas na tela e na memória de cada um; cotejamento dos resultados com procura de sínteses sucessivas; debate coletivo e reflexão crítica). Passamos, então, à análise das dificuldades concretas suscitadas por dois termos técnicos.

O primeiro, *formica-leo*, pertence ao vocabulário da entomologia ou insetologia. Embora seja uma palavra latina, rara em francês, ela não configura um empecilho à leitura do romance, pois a redação cuidadosamente informativa de Balzac permite ao leitor depreender a função e papel simbólico do referido inseto na narrativa, mesmo que não consiga identificar de que animal se trata exatamente. A dificuldade reside no traduzir, nos passos para chegar a uma tradução. Nosso artigo mostrou como, a partir do momento em que identificamos que se tratava de uma palavra latina, chegamos à terminologia em francês e, daí, em português. Foi quando se entrou no terreno mais específico da tradução: qual termo escolher entre os oito existentes no Brasil? Explicamos como procedemos, como descartamos tanto os regionalismos como um vocábulo que provocaria uma ambiguidade prejudicial, e justificamos nossa escolha por “formiga-leão”.

As dificuldades suscitadas pelo segundo termo foram tanto da ordem da compreensão quanto da tradução, pois nenhum membro de nosso grupo de pesquisa, nem as e os colegas consultados sabiam o significado do sintagma *vaisselle plate*, termo da nomenclatura do serviço de mesa na terminologia da restauração. Explicamos como procedemos para descobri-lo, não sem antes assinalar o risco de ocorrer uma compreensão equivocada por causa da semelhança enganadora de “*vaisselle plate*” com “*assiette plate*” e do paralelismo deste último com “prato raso”. Uma vez resolvida a questão da compreensão do sintagma francês, pesquisou-se a terminologia da *vaisselle* em língua portuguesa, em dicionários bilíngues e monolíngues do português. Ficou claro que ao substantivo francês podem corresponder dois substantivos em português: “louça” e “baixela”, que devem ser devidamente distinguidas. Ao final do processo de pesquisa e averiguação, se impôs a escolha do sintagma “baixela de prata”, como equivalente do francês.

Após, caracterizamos as expressões ou locuções idiomáticas (o que permite compreender por que elas podem criar dificuldades de compreensão) e apontamos as especificidades do processo de compreender e traduzi-las, procurando inclusive detalhar

(mesmo que brevemente) os principais requisitos para que a tradução ou equivalente almejado tenha caráter idiomático.

Por fim, relatamos nosso processo de tradução da expressão *couper l'herbe sous le pied à quelqu'un*, cuja dificuldade foi essencialmente de compreensão, com risco real de interpretação contrária em razão de aparências enganosas, pois descobrimos que quatro locuções brasileiras, frequentemente tidas como rigorosamente equivalentes da francesa, são na verdade falsos amigos desta. Explicamos porque eliminamos cinco outras locuções, de forma que acreditamos ter justificado nossa escolha: “tomar a dianteira de alguém”, locução equivalente da francesa (menos a imagem!).

Em suma, as análises desenvolvidas neste artigo a respeito das dificuldades concretas de compreensão e/ou tradução que apareceram no traslado de três enunciados, do francês para o português do Brasil, mostram e comprovam a necessidade de realizar, com paciência e rigor, várias pesquisas léxico-semânticas voltadas para os fins de: a) no terreno da compreensão: delimitar, circunscrever o sentido de emprego do elemento linguístico na língua-fonte; b) no terreno do traduzir propriamente dito: encontrar na língua-alvo o melhor equivalente possível em relação à língua de partida. Nosso trabalho chama, também, atenção para o fato de que, em tradução, respostas que parecem evidentes podem suscitar erros, ou seja, tanto no FLE (e, generalizando, nas línguas estrangeiras) como na relação FLE/língua portuguesa (e no bilinguismo), nem tudo é o que parece!

As partes “O projeto sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE”, “Como compreender e traduzir uma palavra ou sintagma?”, “O que é uma locução idiomática?”, “Compreender e traduzir uma expressão idiomática” e “Couper l'herbe sous le pied à quelqu'un” foram traduzidas do francês por Augusto Darde.

REFERÊNCIAS

- Aulete: Dicionário online Caldas Aulete*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>
- Aurélio*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio do português*. CD-ROM, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- BALZAC, Honoré de. *Melmoth réconcilié*. Paris: Berg International, 2012.
- BARBOSA, Osmar. *Dicionário francês-português*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- BATH, Sérgio; BIATO, Oswaldo. *Les faux amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros*. Brasília: Editora da UnB, col. “Humanidades”, 1998.
- BORBA, Francisco. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BURTIN-VINHOLES, Suzanne. *Dicionário francês-português/português-francês*. 26ª ed. Porto Alegre: Globo, 1972.
- CAMPOS, Aluizio Mendes. *Dicionário francês-português de locuções*. Belo Horizonte:

Tessitura, 2011.

CARVALHO, Olívio da Costa. *Dicionário de francês-português*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, col. “Dicionários Editora”, s.d. Existe uma versão digital, on-line, atualizada, porém simplificada, intitulada *Dicionário infopédia de Francês-Português*. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues/>

CHOLLET, Isabelle; ROBERT, Jean-Michel. *Les Expressions idiomatiques*. Paris: Clé International, 2008.

DAF8: *Dictionnaire de l'Académie française*, huitième édition, 1932-1935. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie.htm>

DAF9: *Dictionnaire de l'Académie française*, neuvième édition, 1992-... Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>

DUBOIS, Jean et alii. *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. Paris: Larousse, 2012.

DURIEUX, Christine. “La difficulté en traduction”. *Revue des lettres et de traduction*, 1999, n° 5. Université du Saint-Esprit de Kaslik (Liban). p. 31-34. Disponível em: http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/handle/2042/41863/1999_5_31-34.pdf?sequence=3&isAllowed=y

Garnier: Dicionário Garnier Francês-Português. São Paulo: Difel, 1968.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss do português*. CD-ROM. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MOUNIN, Georges. *Problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, coll. “Bibliothèque des idées”, 1971.

Petit Larousse. Paris: Larousse, 2009.

PONGE, Robert. *As dificuldades de compreensão e/ou tradução do FLE*. Projeto de pesquisa, 3ª versão, ampliada. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2015.

PORTINHO, Waldívia Marchiori (Org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo: Álamo, 1984.

RAT, Maurice. *Dictionnaire des expressions et locutions traditionnelles*. (1957). Paris: Larousse, 2007.

REY, Alain. “Préface”, in REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Robert, 2003, p.VII-XV.

REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Robert, 2003.

Robert électronique. CD-ROM. Paris: Robert, 2005.

RÓNAI, Paulo. *Guia prático da tradução francesa*. 2ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Educom, 1975.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

RÓNAI Paulo. *Escola de tradutores*. 6ª ed., ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

RÓNAI Paulo. *Dicionário francês-português/português-francês*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Semibilíngue: Dicionário semibilíngue (francês-português) para brasileiros. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SILVA, Gabriela Jardim da. *Um estudo sobre os idiomatismos*. Monografia de conclusão de curso de Licenciatura. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2009.

SILVA, Gabriela Jardim da; PONGE, Robert. “Que signifie, comment traduire en portugais l'expression idiomatique 'couper l'herbe sous le pied à quelqu'un'?”. In: 14^{ème} Congrès national des professeurs de français de l'Argentine, ocorrido de 22 a 24 de maio de 2017, na Universidad Nacional de Cuyo, em Mendoza, Argentina. Disponível em: <http://bdigital.uncu.edu.ar/9273>

TLFi: *Trésor de la langue française informatisé*. Nancy: CNRTL, 1971-1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>

VALDEZ, João Fernandes. *Dicionário francês-português/português-francês*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000.

XATARA, Cláudia. *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français*. Nancy: CNRTL. Disponível em:

http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/index_pf.php

XATARA, Cláudia; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de falsos cognatos francês-português/português-francês*. 2ª ed., revista e ampliada. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.